

Os principais entraves à competitividade brasileira de lácteos

Lucas Campio Pinha, Guilherme Fonseca Travassos, Glauco Rodrigues Carvalho, Alziro Vasconcelos Carneiro

Resumo

O presente trabalho apresenta o resultado da aplicação de um questionário às empresas que exportam lácteos, listando os principais fatores que vem prejudicando a competitividade do país. Custo da matéria prima, taxa de câmbio e barreiras tarifárias foram os itens mais votados, e quando analisados de forma detalhada foi possível notar os três fatores realmente têm prejudicado, em demasia, nossa competitividade das exportações de produtos lácteos. Taxa de câmbio e barreiras tarifárias são fatores exógenos, mas o custo da matéria-prima poderia ser menor por iniciativas do próprio setor, o que é de fundamental importância visto que as perspectivas para o câmbio e as barreiras tarifárias não são favoráveis.

Palavras-chave: competitividade; lácteos; taxa de câmbio; custo do leite.

The mainly barriers to the Brazilian dairy competitiveness

Abstract

This paper presents the result of a questionnaire applied to companies that export dairy products, listing the main factors of competitiveness that has hit the country. Raw milk costs, exchange rate and tariff barriers were the most voted. When analyzed in detail that three factors really have impacted the competitiveness in exports of dairy products. Exchange rate and tariff barriers are exogenous factors, but the cost of raw milk could be reduced by initiatives of the industry itself.

Keywords: competitiveness; dairy products; exchange rate; milk costs.

Introdução

Entre 2000 e 2008, o Brasil conseguiu inserção gradativa no mercado internacional de derivados lácteos, tendo conseguido, no último ano, o maior superávit já registrado na história da balança comercial de lácteos brasileira. Com a crise internacional, em 2009, o Brasil voltou a importar mais do que exportar, fato que se manteve no ano posterior e também tem ocorrido nos primeiros meses de 2011. Com isto, torna-se importante identificar quais os principais problemas quanto à competitividade nacional, que impedem o país de retornar a a condição de exportador líquido de lácteos. Um questionário foi aplicado a oito empresas, que trabalham efetivamente com a exportação de lácteos, visando obtenção de informações diretamente dos agentes do mercado de leite e derivados que vendem produtos ao exterior.

Material e Métodos

Com o objetivo de analisar os principais entraves às exportações de lácteos, foi aplicado um questionário às empresas que participam das vendas desses derivados lácteos ao exterior. Dessa forma, estas empresas são capazes identificar os problemas mais significativos para o país e as restrições das exportações e

quais precisam ser sanados buscando a melhoria a competitividade destes produtos nas transações internacionais. Optou-se por manter o sigilo dos entrevistados, bem como as informações individuais das empresas. Por isso, é apresentado o resultado da soma agregada, classificando os itens mais votados e sendo realizada, posteriormente, uma análise dos três itens considerados como mais influentes nas exportações de lácteos.

No questionário, foram listados diversos fatores que acredita-se que interfiram nas vendas de derivados lácteos ao exterior. Para cada item, o entrevistado teria que atribuir um valor entre 1 e 5 correspondente à sua opinião sobre a interferência do item na competitividade brasileira nas exportações de lácteos. O valor 1 corresponde a nenhuma interferência, os próximos valores vão elevando a importância do item, até chegar ao valor 5, no qual o entrevistado considera o item como muito importante na competitividade brasileira, e se este fator não estiver favorável, torna-se um real entrave às exportações de lácteos.

Tendo em vista que oito empresas foram entrevistadas, o máximo que cada item pode atingir é o valor de 40 na soma agregada. Cabe ressaltar que o objetivo do questionário foi classificar os itens por ordem de votos, para que os três mais votados fossem discutidos posteriormente. Portanto, não são realizadas análises estatísticas dos resultados.

Resultados e Discussão

Na Tabela 1, são apresentados os resultados dos questionários. A maior soma agregada foi registrada pelo item custo da matéria prima com 38 pontos, 95% do total de pontos que poderiam ser atribuídos. Logo após, a taxa de câmbio foi considerada o segundo maior fator de influência na competitividade brasileira nas exportações de lácteos, com 36 pontos ou 90% do total possível. As barreiras tarifárias apareceram logo em seguida, com 33 pontos ou 82,5% (Tabela1).

Tabela 1. Resultados da aplicação dos questionários: classificação dos itens pela pontuação recebida.

Fatores	Soma agregada	% do total possível
Custo da matéria prima	38	95%
Taxa de câmbio	36	90%
Barreiras tarifárias	33	83%
Qualidade da matéria prima	32	80%
Barreiras não tarifárias	32	80%
Custos de transporte interno (produtor - indústria)	31	78%
Custos de transporte interno (indústria – porto/aeroporto)	31	78%
Acordos comerciais	31	78%
Custos portuários e aeroportuários	28	70%
Carga tributária	28	70%
Burocracia alfandegária	27	68%
Subsídios de países exportadores	25	63%
Acesso ao financiamento para exportação	20	50%
Outros - Coordenação setorial	5	13%
Outros - Proteção ao mercado interno	5	13%
Outros - Barreiras Sanitárias	4	10%
Outros - Tamanho do mercado mundial	3	8%

Fonte: Dados da pesquisa.

Por decisão dos autores, optou-se pela seguinte ordem de análise: taxa de câmbio, custo da matéria prima e barreiras tarifárias.

Com o crescimento robusto da economia brasileira nos primeiros anos do século XXI, houve forte valorização do real frente ao dólar, sendo mais expressiva do que para a maioria das moedas de países concorrentes. De acordo com Carvalho (2011), a principal causa da apreciação do câmbio brasileiro é a alta demanda por *commodities* produzida pelo país, além das boas perspectivas de crescimento da economia doméstica e

os elevados juros praticados, o que atrai ainda mais capital externo. Porém, os altos preços internacionais praticados na economia compensavam a perda de competitividade no câmbio, algo que não se manteve após a crise econômica mundial.

Comparando a trajetória do câmbio nominal brasileiro após a crise econômica com seus principais concorrentes nas exportações de lácteos no continente, Argentina e Uruguai, verifica-se a magnitude da perda de competitividade. No início de 2009, a taxa de câmbio nominal brasileira flutuava em torno de 2,30 R\$/US\$, mas já em dezembro do mesmo ano registrou uma valorização de 24% (Figura 1). Em 2010, a tendência de valorização do real se manteve e no fim do ano foi verificada uma valorização de cerca de 31% frente janeiro de 2009, alcançando 1,69 R\$/US\$, ou seja, em 2 anos perdeu-se praticamente um terço da competitividade brasileira nas exportações pela valorização cambial (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2011). O Uruguai apresentou uma valorização bem menos significativa neste período, em torno de 15%, e a Argentina inclusive ganhou competitividade nas exportações com a desvalorização do peso argentino em cerca de 15% frente ao dólar americano (Figura 1).

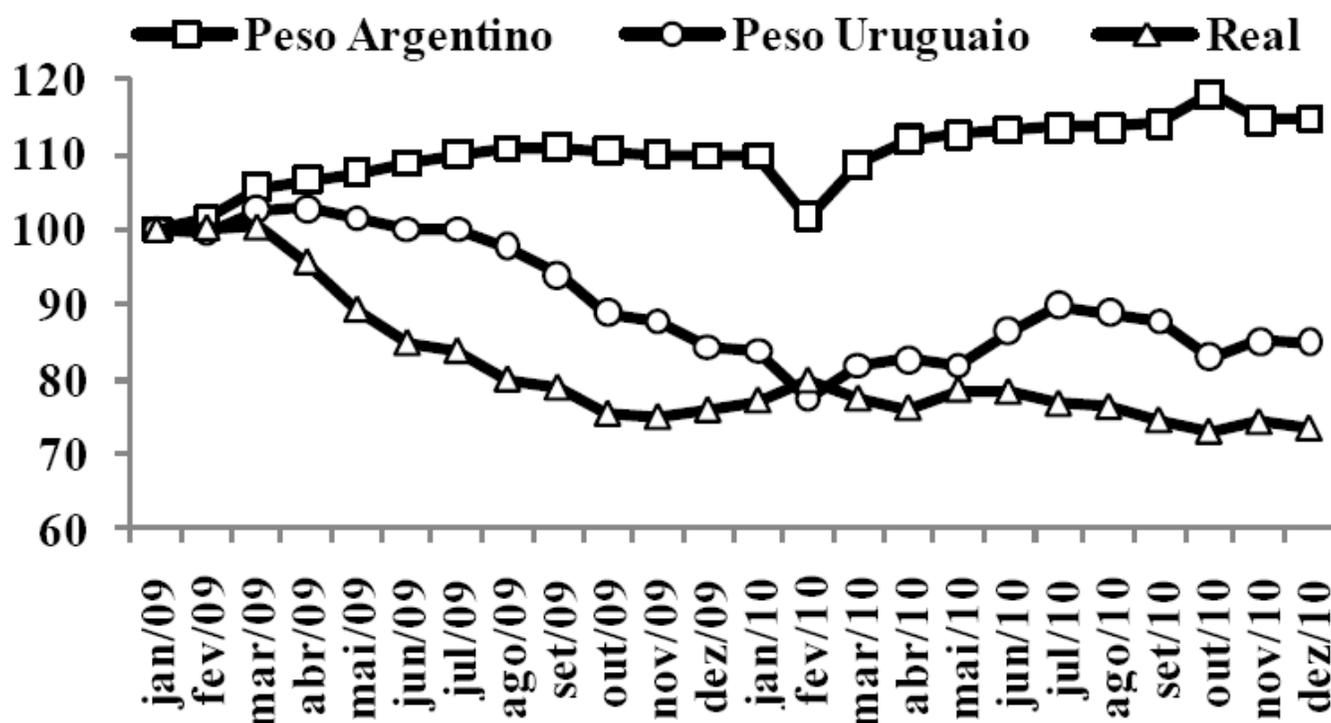


Figura 1. Variação mensal das taxas de câmbio nominais, em número-índice.

Fonte: Banco Central do Brasil, elaboração dos autores.

Deve-se ressaltar que o câmbio é um fator de competitividade exógeno ao mercado lácteo, ou seja, as empresas exportadoras não exercem influência sobre valorização ou a desvalorização do câmbio. Dessa forma, é necessário que essas empresas saibam atuar tanto nos momentos benéficos quanto nos períodos adversos.

A valorização cambial e a elevação no custo da produção de leite cru repercutiu em um dos principais fatores de competitividade brasileira nas exportações de lácteos: o custo da matéria-prima para a indústria, que é o preço do leite pago ao produtor. Este, por sua vez, é um fator que a própria cadeia produtiva tem capacidade de melhorar, de forma que fatores exógenos como o câmbio e os preços internacionais não prejudiquem em demasia quando a conjuntura estiver desfavorável. Estruturalmente, o Brasil é competitivo na produção de leite, mas a elevação dos custos de produção e a valorização do real tornaram os preços ao produtor mais caros que em países concorrentes, diminuindo sensivelmente a vantagem competitiva neste quesito.

Carvalho (2011) analisou a trajetória do preço do leite ao produtor do Brasil, comparando com grandes *players* no mercado internacional de lácteos, em valores já convertidos para o real. Em 2001, o Brasil apresentava o menor preço ao produtor, comparado com a Alemanha, Estados Unidos e Nova Zelândia, com cerca de R\$ 0,30 o litro de leite. Porém este valor foi se elevando paulatinamente de forma que em 2007 e 2008, período

de maior exportação brasileira de lácteos, o litro de leite estava entre R\$ 0,60 e R\$ 0,70. Todavia, os altos preços internacionais compensavam o alto custo da indústria com matéria prima. Em consequência da crise mundial em 2008, o real se valorizou ainda mais nos dois anos posteriores, enquanto moedas fortes como o euro e o dólar perdiam força. Isto não contribuiu para a competitividade nacional nas exportações de lácteos, de forma que no fim de 2010 foi registrada uma média anual de R\$ 0,70 o litro de leite, maior valor entre os países analisados.

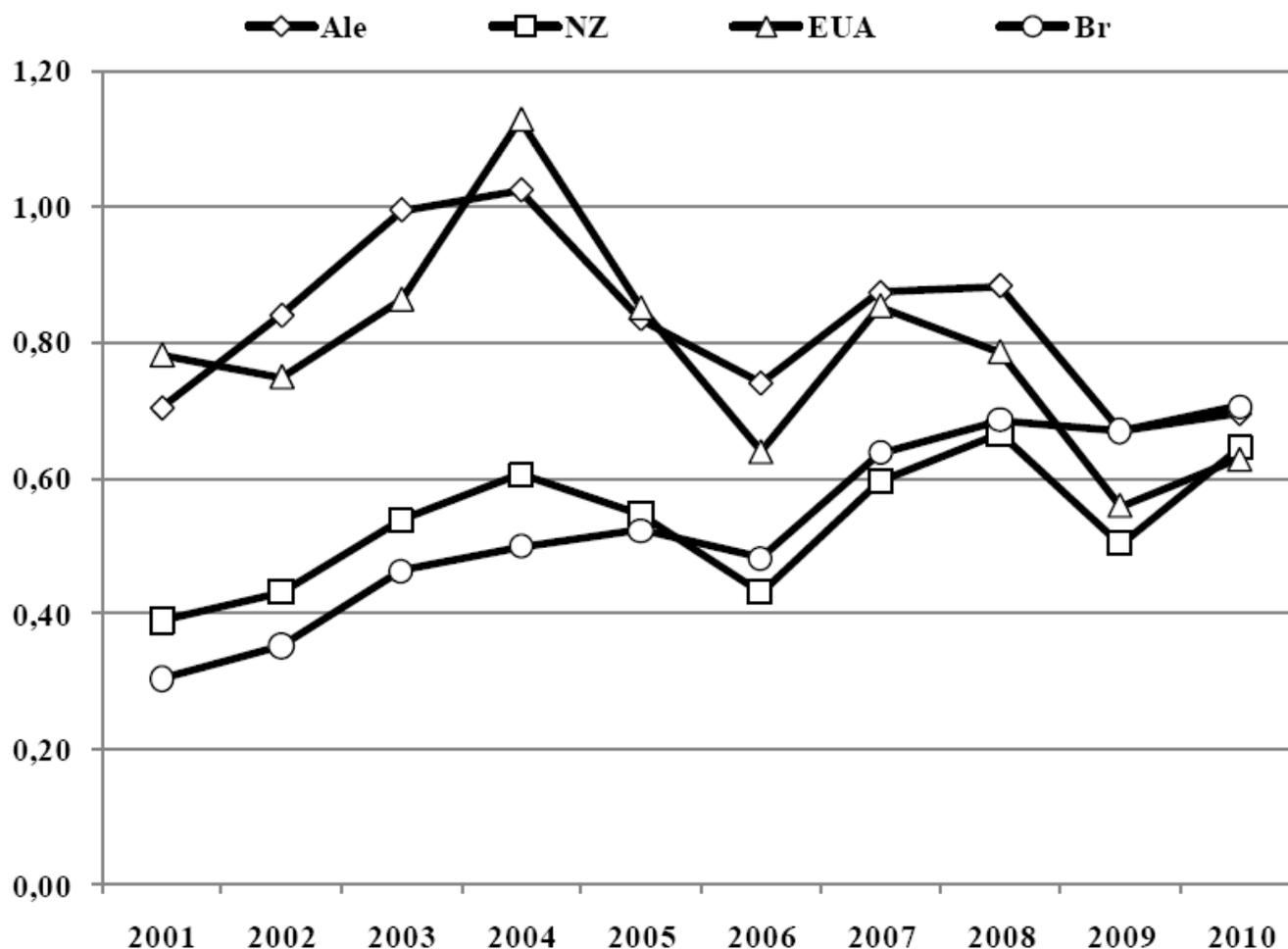


Figura 2. Preço do leite ao produtor, em R\$/litro.

Fonte: Carvalho (2011).

O mercado mundial de lácteos sofre muitas distorções decorrentes de políticas protecionistas adotadas pelos países, seja para assegurar sua posição no comércio internacional, seja para proteger o setor lácteo local. Para Pereira, Teixeira e Gurgel (2010), a Rodada de Doha realizada em Hong Kong no ano de 2008 com o objetivo de reduzir subsídios a produtos agrícolas e tarifas de importação em países desenvolvidos foi um fracasso. Por isto, as exportações brasileiras de lácteos para países como Japão, Canadá, Estados Unidos, países europeus, entre outros, estão limitados à altas barreiras tarifárias que desestimulam as empresas a se inserirem nestes mercados. Isto, sem contar as barreiras não tarifárias, que incluem barreiras sanitárias, certificados de qualidade, quotas de importação, entre outros.

Segundo Pereira, Soares e Silva (2010), uma característica marcante do comércio internacional é a evolução das barreiras não tarifárias, visto que as barreiras tarifárias são muito contestadas por países que queiram se inserir em determinado mercado. No entanto as barreiras tarifárias ainda são utilizadas em larga escala, e por isto foi escolhida pelos entrevistados como um dos maiores entraves às exportações de lácteos. Em Siqueira et al. (2010), são apontados os países que mais aplicam barreiras tarifárias aos produtos lácteos brasileiros, bem como a média das tarifas aplicadas e o pico tarifário. É possível notar que, em geral os países desenvolvidos apresentam as maiores tarifas, sendo o Canadá o país que mais impõe restrições tarifárias aos derivados lácteos brasileiros, em média, 228,3% no valor

total (Tabela 2). De acordo com Hemme et al. (2009), países como Canadá e Japão possuem altos custos de produção de leite, por isso utilizam as barreiras tarifárias para protegerem os produtores e as indústrias locais contra uma “invasão” de derivados lácteos de outros países.

Tabela 2. Países que impõem as maiores restrições tarifárias aos produtos lácteos brasileiros.

País	Ano	Média Simples	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Canadá	2010	228,30%	55,22%	109,87%	298,14%
Japão	2008	169,55%	122,83%	14,90%	345,15%
Suíça	2009	135,23%	141,44%	16,35%	524,16%
Turquia	2010	115,03%	39,91%	45,00%	150,00%
Israel	2008	100,74%	42,84%	30,24%	159,31%
Tunísia	2006	88,88%	40,98%	15,00%	150,00%
Islândia	2010	87,22%	66,22%	36,94%	264,18%
Noruega	2010	86,35%	47,30%	34,64%	196,71%
Marrocos	2009	63,20%	34,24%	15,11%	102,00%
República da Coréia	2007	50,25%	39,80%	36,00%	176,00%

Fonte: Siqueira et al. (2010)

Este, portanto, é um fator limitante ao acesso do Brasil a novos mercados e um dos principais problemas na inserção definitiva do país no comércio internacional de lácteos como exportador líquido. O problema ainda se agrava pelo fato das barreiras tarifárias serem um fator exógeno ao setor lácteo brasileiro, portanto, não é possível haver melhorias apenas por iniciativas próprias.

Conclusões

Dos três fatores considerados mais importantes para a competitividade nacional nas exportações de lácteos, dois são exógenos e apenas sobre um o setor tem influência. O câmbio valorizado e as barreiras tarifárias não podem ser melhorados pelas ações da cadeia do leite e derivados, cabendo às empresas aprenderem a lidar com momentos adversos. Já o custo da matéria prima, pode-se conseguir uma diminuição nos preços ao produtor mantendo seus lucros, bastando que melhorias de produtividade, manejo, redução de custos de produção, entre outros sejam implantadas. Isto é fundamental, visto que até meados de 2011 o câmbio continua sobrevalorizado e o preço do leite ao produtor tem se mantido em patamares elevados, desestimulando as exportações de lácteos e mantendo a balança comercial de leite e derivados deficitária. Com esta perspectiva, dificilmente o país voltará a exportar quantidades significativas de produtos lácteos no futuro próximo.

Agradecimentos

A Embrapa Gado de Leite ao CNPq e à Fapemig pelo apoio ao desenvolvimento dessa pesquisa.

Referências

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Câmbio e capitais internacionais. 2011. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?CAMBIO>>. Acesso em: 5 de maio de 2011.

CARVALHO, G. R (2011). Taxa de câmbio e competitividade do leite brasileiro. Panorama do Leite. 2011. Disponível em: <http://www.cileite.com.br/content/taxa-de-c%C3%A2mbio-e-competitividade-do-leite-brasileiro>. Acesso em: 13 de maio de 2011

HEMME et al. IFCN Dairy Report 2009, International Farm Comparison Network, IFCN Dairy Report Center, Kiel, Germany. 2009.

SIQUEIRA, K.B.; LINHARES, L.F.; HOTT, M.C.; FONSECA, L.A.M. Protecionismo no mercado lácteo. Boletim CBLeite nº 13. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite. 2010.

PEREIRA, M. W. G.; TEIXEIRA, E. C.; GURGEL, A. C. Os custos do fracasso das negociações da Rodada

de Doha para o setor lácteo nas regiões brasileiras. In: LEITE, J. L. B. et al. (Ed.). Comércio Internacional de Lácteos. 2. ed. rev. e ampl. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2009. p. 203-231.

PEREIRA, P. C.; SOARES C. F.; SILVA, O. M. **Barreiras tarifárias e não tarifárias às exportações de produtos lácteos no Brasil.** In: LEITE, J. L. B. et al. (Ed.). Comércio Internacional de Lácteos. 2. ed. rev. e ampl. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2009. p. 131-152.